

O RELACIONAMENTO PROFESSOR / ALUNO.

Idaie Caetano Rodrigues

INTRODUÇÃO

Ao nos decidirmos escrever sobre o tema relacionamento professor / aluno, partimos da constatação em nossa prática como professora e como pedagoga, das dificuldades que encontram nossos colegas em sala de aula para atingir os objetivos propostos em virtude dos problemas pelos quais passa a educação de modo geral. Sabemos que há uma crise, ela é do conhecimento de todos, os dados que colocam o Brasil entre os piores do mundo em Leitura e Escrita, Matemática e Ciências, segundo avaliação do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), (Brasil, 2007) são públicos. Certo é que a escola brasileira atualmente carece de credibilidade, o professor sente-se desmotivado e acuado.

Quando se procura investigar as causas desse fracasso aparece com muita frequência a questão do relacionamento professor / aluno, com destaque para a indisciplina, sempre como algo advindo de fora da escola, problemas familiares, carência, pré-requisitos. Há um consenso em eleger os problemas de relacionamento como obstáculo para o trabalho pedagógico.

RESGATANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Para entendermos melhor o que se passa na atualidade, precisamos retornar aos primórdios da educação brasileira.

Para Teruya (2005) com os jesuítas e a Escola Tradicional voltada para a formação do homem enciclopédico, humanista, cristão e universal. Durante o período colonial, a família patriarcal, de origem européia, trouxe consigo o pensamento e as idéias de sua cultura medieval. Os donos das terras e escravocratas que pertenciam à nobreza portuguesa favoreceram a ação educativa da Companhia de Jesus. O primeiro currículo escolar data dessa época e era centrado no ensino do canto, da música, da gramática, sendo voltado aos filhos dos ricos que depois iam estudar fora do país, principalmente nas universidades portuguesas, ou seguir a carreira religiosa. O ensino ministrado não tinha nenhuma utilidade prática. Assim a educação jesuítica educava a elite, mas excluía o povo, influenciando as classes sociais, sendo esta não mais distinguida apenas pelas suas posses materiais, mas também pelo grau de instrução.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, pelo Marquês de Pombal, em razão das diferenças de objetivos; enquanto as escolas da Companhia de Jesus se preocupavam em servir aos interesses da fé, Pombal pensou em organizá-las para servir aos interesses do Estado, com este assumindo a educação, o Brasil passou a enfrentar dificuldades para estruturar o sistema de ensino.

Em leituras realizadas em nosso curso de graduação, pudemos observar que, como não existiam mais os jesuítas para ministrar o ensino; o Estado passou a contratar professores leigos, improvisados e mal pagos.

Data dessa época, a criação de um imposto para subsidiar a educação, taxado sobre a carne verde, o vinho, o vinagre e a aguardente. Além de mínimo, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longo tempo sem receber, na verdade seus salários equivaliam ao valor de um tonel de aguardente. Como esses professores contratados tinham em sua maioria estudado com os jesuítas, não houve mudanças significativas, pois deram continuidade aos métodos anteriores baseados na autoridade rígida e severa, que inibiam a iniciativa e a criatividade individual, impondo a submissão, o respeito à autoridade e à escravidão.

Segundo Negrão (2005,) a partir da década de 20, o Brasil viveu momentos de grandes transformações sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais. Chegaram ao país as influências americanas e alemãs através das idéias de Herbart e Dewey, aqui divulgadas por Anísio Teixeira, sendo este considerado o precursor da Escola Nova. Através do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, buscava –se combater o caráter abstrato e pouco utilitário da instrução. Os pressupostos da Escola Nova chegaram ao Brasil no bojo da instalação das grandes empresas estrangeiras, principalmente norte-americanas.

Ainda para Negrão (2005) o ideário da Escola Nova ganha espaço porque reage contra uma visão fragmentada de valorização do transcendente, do universal, de tudo que é fixo na vida, chamando atenção sobre a realidade integral da pessoa.

Apesar do Movimento da Escola Nova não dispor, do conhecimento de teorias que fundamentassem seus pressupostos, mesmo assim influenciou o ensino público e as reformas educacionais. Termos como desenvolvimento, aprendizagem, psicomotricidade, criatividade e outros conceitos da Psicologia começaram a serem disseminados. O papel do aluno era interagir na escola, com situações vivenciadas no seu cotidiano, com uma continuidade da experiência do seu interesse e necessidade. Tudo era permitido ao aluno, o ensino baseado no lúdico, nos jogos, nos trabalhos manuais, defendia a bandeira dos

métodos ativos de ensino, de liberdade e respeito à iniciativa dos alunos, dando ênfase ao afrouxamento das normas disciplinares.

O relacionamento professor / aluno devia ser autêntico e pessoal. Com isso, a escola virou um oba-oba.

Na prática, a idéia de que a Escola Nova seria a redentora de todos os defeitos da Escola Tradicional não se confirmou, e no final da década de 50, começou a surgir uma nova proposta educacional chamada Pedagogia Tecnicista.

Segundo a Wikipédia (2007) a sociedade alterou sua forma de trabalho, passando do modelo artesanal para o industrial. Nesse novo modelo, o homem é considerado um produto do meio. É uma consequência das forças existentes em seu ambiente.

A consciência do homem é formada nas relações acidentais que ele estabelece com o meio ou controlada cientificamente através da educação, esta atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (capitalismo) articulando-se diretamente com o setor produtivo, para isso, emprega a ciência da mudança de comportamento.

Seu interesse imediato é produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho transmitindo, eficientemente informações precisas, objetivas e rápidas (LIBÂNEO, 1989.p.290).

A prática escolar nessa pedagogia tem como função especial adequar o sistema educacional à proposta econômica e política do regime militar, preparando dessa forma, mão de obra para ser aproveitada pelo mercado de trabalho. Nessa pedagogia aluno e professor ocupam posição secundária, pois o principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. É, nessa época, que é banido das escolas o espírito crítico e reflexivo.

Muitos profissionais que atuam hoje no mercado de trabalho têm nessa época sua base de formação. Faz parte ainda hoje, desse contexto tecnicista o uso muitas vezes indiscriminado de recursos tecnológicos e audiovisuais nas escolas.

Zagury (2006 p. 24) diz que “Ser professor nunca foi tarefa fácil”. Em nenhum dos modelos pedagógicos descritos. Buscamos em Tardif (2005) o entendimento de que a diversidade e a pluralidade que afloram à escola tornam essa tarefa cada vez mais penosa ao professor.

O que vemos no cotidiano de nossas escolas são profissionais com os nervos à flor da pele, sem tempo, sobrecarregados de tarefas cotidianas como corrigir, avaliar, registrar.

Segundo Tardif (2005, p.160) “A carga de trabalho do professor aumentou, não no número de horas, mas em dificuldade e complexidade. A docência tornou-se um trabalho mais extenuante e difícil, sobretudo no plano emocional (alunos mais difíceis, empobrecimento das famílias, desmoronamento dos valores tradicionais etc.) e cognitivos (heterogeneidade das clientela com necessidade de diversificação das estratégias pedagógicas, multiplicação das fontes de conhecimento e informação etc)”.

Constatamos que suas relações com os alunos tanto podem ser enriquecedoras quanto difíceis. Os professores investem muito, emocionalmente falando, em seu trabalho: Trata-se de um trabalho consumidor de boa dose de energia de afetiva, e decorrente da natureza interpessoal das relações professor / aluno. Difícilmente os professores podem ensinar se os alunos não gostarem dele, ou pelo menos o respeitarem. Desse modo, suscitar esse sentimento nos alunos é uma parte importante do trabalho.”“.

É claro que só o afeto e o carinho não determinam o sucesso da aprendizagem. Temos observado professores que fazem da aula um divertimento só, os alunos adoram, mas não aprendem, ao contrário o professor sisudo domina o conteúdo, mas não consegue empatia com os alunos e eles também não aprendem.

Em nosso dia a dia na escola, observamos que os alunos querem um professor que domine o conteúdo, tenha autoridade sem ser autoritário e que também esteja aberto a discutir os problemas que afligem adolescentes e jovens na atualidade.

Segundo Zagury (2006) temos que desfazer o mito que com um bom professor os alunos aprendem sem qualquer esforço. Não podemos esquecer que o aluno é parte ativa no processo ensino-aprendizagem Se ele não se dispuser a dedicar tempo e esforço para as atividades escolares, só o esforço do professor e da instituição de ensino não bastam. “Não se aprende por osmose” Gasparin (2007).

Zagury (2006, p. 68) nos diz “A supervalorização da relação professor / aluno tornou-se uma faca de dois gumes. Sem dúvida foi um avanço acabar com o autoritarismo dando vez ao entendimento e ao diálogo nas escolas, mas a distorção na interpretação do que seja uma boa” relação professor / aluno “abriu caminho para o desrespeito e até agressões físicas a professores”.

Que esta relação é importante não se pode negar, preferencialmente ela deve ser amigável, o que não se pode querer é que seja o mais importante dentro da escola. Temos que ter bem definido para o aluno que o professor é a autoridade e este não deve abrir mão dela em hipótese alguma. Em outras palavras, significa não delegar a outrem o que é sua responsabilidade.

Coordenadores e pedagogos existem para auxiliar, é claro, mas o professor precisa ter claro que a sala de aula é o seu espaço de atuação. Ele determina as regras de funcionamento, não dá para ser bonzinho, relevar tudo porque o aluno é coitadinho, carente, a família não dá apoio, etc.

CONCEPÇÃO BÁSICA DE DISCIPLINA.

Com muita propriedade, Zagury (2006 p. 70) nos diz que “Professor não é psicólogo nem assistente social, sua função precípua é ensinar. E ensinar bem”.

De acordo com Ferreira, (1988 p.224) a disciplina define-se como: “regime de ordem imposta ou livremente consentida, a ordem necessária ao funcionamento regular de uma organização, relação de subordinação do aluno ao mestre”. Na forma tradicional a disciplina escolar procurava a obediência por meio de castigos corporais (palmatória, ajoelhar –se sobre tampinhas ou pedrinhas, etc...) O Colégio Caraça, no Brasil Império tornou-se famoso pelos rigores disciplinares que adotava.

Para Vasconcelos (1994,) a escola de hoje deve vir ao encontro dos anseios dos educandos. Estes, na época mais ativa de suas vidas buscam um caminho para chegar a um ponto chave: a aquisição do conhecimento que será o passaporte para o futuro, vivendo num espaço problematizado pela indisciplina.

Porém com a modernização a disciplina tornou-se um processo positivo, significa, hoje, subordinação a princípios, ordem condicionada aos interesses do ser humano e do grupo, levando-se em consideração a responsabilidade. Grandes preocupações têm demonstrado os professores em sala de aula e na escola. É nelas que acontecem os conflitos mais preocupantes para os educadores.

Os educandos influenciados pelos problemas sociais que afligem a população mundial, como crise econômica, globalização, avanço tecnológico, queda dos valores éticos e morais, das instituições em geral, estão desmotivados.

Nada mais acertado dizer que onde há ordem há progresso. Claro se faz também que a parte emocional, a comunicação não verbal tem importância significativa. É um elo que predisporá o educando a um clima de bem estar. Numa sala de aula em que o professor assumir uma postura positiva como educador e modificador da realidade, vestindo também a camisa da responsabilidade pela disciplina levando a classe assumir progressivamente a mesma os resultados serão positivos.

“Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1990, p.79)”.

Ainda para Vasconcelos (1994 p. 73) Sabe-se que em um grupo todos querem ser reconhecidos e amados. No relacionamento professor / aluno, a empatia entre os mesmos possibilitará o estabelecimento de vínculos indissolúveis, transformando-se em passaporte para a facilitação da aprendizagem e a manutenção da disciplina.

Sob o ponto de vista idealista, disciplinar seria fazer o aluno participar do esforço civilizatório e a escola seria cúmplice neste trabalho. Como existem somente formas históricas de civilização, na realidade, no sentido geral, disciplinar é conduzir o indivíduo a adequar-se ao grupo social.

Para muitos professores disciplina é entendida como o aluno aceitar sem questionamento aquilo que o professor quer. Ou seja, ele deseja ministrar sua aula em silêncio, negando ao aluno a parte vital do processo ensino-aprendizagem. A redução do aluno a objeto nega-lhe a própria identidade.

Agir com disciplina não é coagir, É agir com pulso firme onde diante dessa firmeza e coerência o aluno note nele um elemento bem preparado para desempenhar sua função.

ALGUNS DETERMINANTES DA (IN) DISCIPLINA.

Para Oliveira (2005) alguns fatores são apontados como determinantes da indisciplina eles influenciam a sua maneira e merecem um estudo mais aprofundado na busca de um melhor entendimento da situação caótica em que se encontram as escolas nos dias de hoje, sejam elas públicas ou particulares. Esses fatores seriam de origem psico-sociais (família, mídia, diversidade, problemas de distúrbios de atenção, carência afetiva) e os chamados fatores pedagógicos (formação de professores, proposta pedagógica, imposição ou falta de regras, o sistema e a escola).

A FAMÍLIA.

Para Osório (1996, apud YAEGASHI 2007) ao longo do processo de civilização a família passou a desempenhar diferentes funções, sendo considerada uma instituição de extrema importância para a sobrevivência dos filhos. Nesse sentido a primeira função da família seria a biológica, pois além da reprodução da espécie cabe a ela assegurar a sobrevivência dos novos seres através dos cuidados necessários.

Na concepção tradicional, a família é constituída de um grupo de pais e filhos, ou em um sentido mais abrangente inclui parentes mais próximos. Esse conceito se altera

principalmente com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, deixando de ser tão dependentes financeiramente dos homens para sua sobrevivência e de sua prole, a descoberta dos métodos anticoncepcionais que proporcionaram um maior controle da natalidade dando à mulher a possibilidade de escolher quando e “se” quer ser mãe e até mesmo a cultura globalizada difundindo os movimentos feministas contribuem para a emancipação da mulher e o fim da hegemonia da família patriarcal.

Surgem assim novos formatos familiares, casais que separam e formam novas famílias onde filhos de diferentes pais convivem na mesma casa, mães ou pais sozinhos com filhos, casais gays.

Fonseca (2002, apud. YAEGASHI, 2007) afirma que não há um modelo homogêneo e hegemônico quando se busca compreender as formas familiares predominantes na sociedade atual.

Ela acrescenta, ainda, que, se antes a tradição era transmitida sob a forma de valores familiares de uma geração para outra caracterizando a importância do passado e a indissolubilidade da família com ênfase na consangüinidade, nas relações sociais contemporâneas a ênfase agora está no presente, no bem estar do momento, não importando a indissolubilidade ou o passado. Claro está, que as mudanças na família afetam, particularmente, a educação dos filhos, refletindo também sobre o desenvolvimento e o desempenho escolar dos mesmos.

A MÍDIA:

OLIVEIRA (2005,) diz que muitas vezes, os professores colocam como uma das causas da indisciplina e desinteresse dos alunos o apelo da mídia, principalmente a televisão, cuja programação, na maioria das vezes, tem como único objetivo aumentar o IBOPE, com seus programas que incentivam a rebeldia, o sexo fácil, a violência banalizada, até mesmo a programação infantil, com raras exceções; apresenta uma total inversão de valores, nada mais causa espanto, tudo se torna aceitável.

Os alunos chegam à escola recheados de informação e reproduzem falas, gestos, comportamentos modas, veiculados pela televisão e Internet.

Aquino (1998,) relata que o professor deve ter claro que a mídia, tv, rádio, jornal, Internet têm o objetivo de entreter, difundir informação; na escola, ao contrário, o principal objetivo é a reapropriação do conhecimento acumulado nos diversos campos do saber. Nesse caso, não tem que se igualar aos meios de comunicação, escola é lugar de trabalho sério e árduo, que necessita da participação do aluno para que os objetivos se concretizem, que se construa o conhecimento.

Ainda para Aquino (1998, p. 12) “É fundamental, portanto, que, tenhamos claro que, em sala de aula, o nosso ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento”.

Ao reclamar que os alunos não se interessam por aquilo que a escola oferece vale lembrar que, se o aluno possui inquietação e imaginação, o que demonstra claramente nas brincadeiras que inventa para “matar” o tempo da aula e “infernizar” o professor, o que os menos informados classificariam como indisciplina poderia ser canalizado para atividades mais produtivas que levassem-nos ao encontro do conhecimento.

O mesmo autor diz que ao colocarmos a indisciplina sob uma nova ótica talvez possamos compreender que se algo não vai bem, o trabalho docente não está se realizando a contento.

Se perguntado sobre o motivo da sua atitude, o aluno considerado problema provavelmente vai nos responder que não vê utilidade na escola, que vem porque é obrigado pelos pais.

Estes, por sua vez dirão que são pressionados por instâncias superiores ou pela necessidade de receber um auxílio financeiro como bolsa-escola e outros.

Alguns dirão que não têm nada melhor a fazer, é para fugir das tarefas caseiras, mas a maioria deles concordam que é porque esperam um futuro melhor, querem se qualificar, aprender a serem cidadãos conscientes.

A DIVERSIDADE:

OLIVEIRA (2005) diz que, mesmo em escolas que atendem alunos de uma mesma comunidade, com o mesmo nível social, não existe homogeneidade, já que cada indivíduo é único, eles vêm para a escola com costumes, crenças, valores, práticas que adquiriram no seio familiar e no seu ambiente social.

Muitos professores não se preocupam com esse fator determinando como aceitável apenas o comportamento daqueles alunos similares aos seus, discriminando o diferente, seja na aparência, comportamento, forma de se expressar, dificuldades pedagógicas, isso porque muitos professores querem o aluno “nota 10”, aquele que vai em frente “apesar” dele.

Nesses casos o aluno discriminado passa a adotar comportamentos considerados inadequados como fumar, faltar às aulas, praticar atos de vandalismo e outros, por não se sentirem aceitos e pertencentes ao grupo. Para Leite (1983, p 237, apud LIMA, 2007) “A criança é feliz ou infeliz na medida em que seja aceita pelos colegas e consiga entender-se com eles”.

PROBLEMAS DE DISTÚRBIOS DE ATENÇÃO E CARÊNCIA AFETIVA.

Oliveira (2005) nos chama atenção para o fato de que esses problemas podem ser oriundos de fatores psicológicos ou emocionais. Casos de TDAH, problemas visuais, auditivos, outras necessidades especiais, se não observadas e encaminhadas adequadamente pelo professor podem resultar em casos de indisciplina. Com a inclusão dos portadores de necessidades especiais nas salas regulares, muitas vezes os professores não estão preparados para essa nova realidade, mas o que não pode fazer é ignorá-los ou tratá-los da mesma forma que aos outros alunos.

Todos profissionais envolvidos têm que estar engajados devem procurar se informar, capacitar, procurar ajuda especializada.

A carência afetiva também é um fator que pode influir no comportamento do aluno em sala de aula e na escola, Muitas vezes, os pais ficam tão ocupados tentando garantir a sobrevivência, que os filhos acabam ficando sozinhos e à mercê de influências negativas. O professor pode, na medida do possível, estabelecer uma relação mais afetiva com a turma, demonstrando interesse, tratando-os como pessoas e não como um número na chamada.

Segundo Aquino (1998) o vínculo afetivo é fundamental para que o trabalho pedagógico ocorra de maneira satisfatória, claro que não se trata de assumir a tarefa dos pais, o professor não é contratado para isso. Para ser pai não se exige qualificação profissional, para ser professor sim, então o trabalho docente deve ser na busca do conhecimento sistematizado.

Os alunos sabem reconhecer quando o professor consegue exercer seu papel com propriedade e não responderão com atitudes indisciplinadas e sim como parceiros do seu trabalho. Aquino (1998 p. 18) tão bem coloca que “Alunos inquietos são frutos de uma escola pouco desafiadora intelectualmente”.

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:

Sabemos que a maioria dos professores que hoje atuam, foram formados quando imperava o ensino tradicional, eles têm em seu ideário o aluno parecido com o que ele foram, quietinho, que sabe ouvir, não contesta, tiram boas notas, uma turma com todos no mesmo nível de aprendizagem.

A realidade é outra: Salas numerosas, distorção idade-série, problemas diversos. Segundo Tardiff (2005 p.285) “A formação inicial não realiza suas promessas e força os professores a inventarem seu próprio conhecimento concreto do trabalho a partir de sua realização. Portanto, aprende-se a docência” in loco ““.

Daí a importância da formação continuada, só através dela o professor poderá fazer frente aos inúmeros desafios que terá de enfrentar durante o exercício da profissão. Temas como a violência, indisciplina, as diversas dificuldades de aprendizagem, as metodologias, as políticas educacionais, a inclusão. sendo discutidos e refletidos ampliam os horizontes para uma ação mais consciente.

PROPOSTA PEDAGÓGICA:

Oliveira (2005) nos leva a pensar quando coloca que a ausência de uma proposta pedagógica definida pode ser causadora da indisciplina. Sforini (2007) nos diz que os conteúdos, a metodologia a avaliação, devem fazer sentido para os alunos. Devem ir além dos conceitos, os alunos tem que saber para que estão estudando este ou aquele conteúdo. O Projeto Político Pedagógico tem que ser construído e vivenciado em todos os momentos pelos envolvidos, definido coletivamente por direção, professores, equipe pedagógica, alunos, pais, funcionários, em prol de objetivos comuns a todos. Se a razão de existir uma instituição escolar é a aprendizagem de seus alunos, então todos têm que se sentir responsáveis por ela, tendo clareza dos objetivos pretendidos e almejados.

O SISTEMA EDUCACIONAL E A ESCOLA:

Ainda para Oliveira (2005) o sistema educacional geralmente impõe padrões de conduta que as escolas devem seguir. Esses padrões, muitas vezes, são fora da realidade particular de cada escola, o que gera tensão, desmotivação e incapacidade de realizar a contento o trabalho pretendido.

Turmas numerosas, falta de condições materiais, estrutura física inadequada, falta de recursos financeiros. Com o crescente aumento da oferta de vagas nas escolas públicas para o ensino fundamental e médio, não houve uma estruturação adequada que acompanhasse esse crescimento.

Observando nossas escolas em seu cotidiano, nos deparamos corriqueiramente com situações aceitas pacificamente como: salas inadequadas, com iluminação deficiente, carteiras e cadeiras sem conforto, sucateadas, alunos de 7^a e 8^a séries, por exemplo, em cadeiras mais apropriadas para a educação infantil, que mal cabem suas pernas, pátios pequenos e sem cobertura, sem refeitório, quadras esportivas sem cobertura, isso quando elas existem, pois nem toda escola conta com essa melhoria.

A própria organização do tempo escolar é desmotivadora, horários rígidos, atividades repetitivas, o intervalo fracionado, quando uns estão no pátio, outros estão estudando, dependendo da logística do prédio escolar torna –se impossível qualquer

aproveitamento pedagógico, pois o trânsito e o barulho de alunos nos corredores e no pátio atrapalham e causam ansiedade e indisciplina nos que ainda estão em sala.

As próprias relações entre seus membros se dão de cima para baixo; alunos que obedecem ao professor que obedece ao coordenador, que obedece ao diretor, que obedece à secretaria de estado e assim por diante. Isso acaba por gerar descontentamento, que inconscientemente, ou não, reflete nas relações em sala de aula.

Sendo assim o comportamento indisciplinar não é simplesmente uma ação, mas uma reação aos fatores externos ao aluno.

BULLYNG

Segundo a Wikipédia, (2007) bullying é um termo de origem inglesa sem tradução para o português, utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully) ou grupos de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo ou grupo de indivíduos incapazes de se defender.

Para Lopes Neto (2005 p. 167) “Considerando que a maioria dos atos de bullying ocorrem fora da visão dos adultos, que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, pode –se entender porque professores e pais têm pouca percepção do fenômeno, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução é interrupção dessas situações. A aparente aceitação dos adultos e a conseqüente sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo”.

O bullying pode ocorrer em situações envolvendo a escola ou faculdade / universidade, o local de trabalho, os vizinhos e até mesmo países. Qualquer que seja a situação, a estrutura de poder é evidente entre o agressor (bully) e a vítima.

Para aqueles fora do relacionamento, parece que o poder do agressor depende somente da percepção da vítima, que parece estar a mais intimidada para oferecer alguma resistência. Todavia, a vítima geralmente tem motivos para temer o agressor, devido a ameaças ou concretizações de violência física / sexual, ou perda dos meios de subsistência.

Em Wikipédia (2007) encontramos algumas das técnicas que são comumente utilizadas pelos bullies são:

- Insultar ou praticar ataques físicos repetidos contra a vítima.

- Danificar objetos de sua propriedade como: material escolar, roupas, objetos pessoais.
- Espalhar rumores negativos.
- Depreciar a vítima sem motivo
- Obrigá-la a fazer algo que não quer.
- Fazer com que ela sofra conseqüências por algo que não cometeu.
- Fazer comentários depreciativos sobre sua família, (geralmente a mãe), sobre seu local de moradia, aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade da qual o bully tenha conhecimento.
- Isolamento social da vítima.
- Chantagem.
- Grafitagem depreciativa.
- Expressões ameaçadoras.
- Usar as tecnologias da informação para praticar o cyberbullying
- (criar páginas falsas sobre a vítima com fotos montadas e informações falsas em sites de relacionamento).

Fante (2007) nos revela que os primeiros estudos sobre o fenômeno bullying foram realizados na Suécia na década de 70, na Noruega na década de 80 e, no Brasil, mais recentemente nos anos 90, na região de São José do Rio Preto, interior de São Paulo.

Esses estudos mostraram que, em média 45% dos estudantes, tanto das escolas públicas, quanto das particulares estão envolvidos no fenômeno.

Nas escolas, o bullying ocorre geralmente em áreas de supervisão adulta mínima ou inexistente, dentro ou fora do prédio escolar e pode ser encontrado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre os 3 e 4 anos, pode-se perceber comportamentos abusivos, tanto dominadores quanto passivos, submissos ou indefesos.

Porém a maior incidência entre os agressores situa-se na faixa de 13 e 14 anos e as vítimas possuem em média 11 anos.

Normalmente, os ataques são em grupo, o que reduz as chances de defesa da vítima. Utilizando-se de estratégias dissimuladas e sutis, expõem a vítima ao constrangimento público, valendo-se de sua força física e popularidade entre os demais

para dominar e subjugar a vítima, que é escolhida entre aqueles que não têm possibilidade de defesa.

Como consequência do bullying surgem dificuldades de aprendizagem e socialização, perda da auto estima, sobrecarga de sentimentos negativos que em casos de ocorrência por longo tempo sem que ninguém perceba e sejam tomadas providências para coibir os abusos, podem desencadear em tragédias como suicídios ou até mesmo massacres como o da escola de Columbine, nos Estados Unidos.

Ainda Fante (2007) apresenta algumas manifestações que merecem atenção de pais, professores e todos envolvidos na ação pedagógica e podem indicar a presença do bullying.

- É sempre o último a ser escolhido nos jogos em equipe?
- No recreio fica isolado do grupo ou próximo a um adulto ou professor?
- Está sempre triste, contrariado, deprimido ou aflito?
- Relaxa gradativamente nas tarefas escolares?
- Apresenta ocasionalmente cortes, feridas, contusões, roupas rasgadas sem explicação?
- Falta a aula constantemente?
- Perde seus objetos e materiais?
- Em casa: Apresenta desculpas seguidas para não ir a aula?
- Apresenta ocasionalmente cortes, feridas, contusões, roupas rasgadas sem explicação?
- Muda o humor de maneira inesperada, com crises de irritação?
- Apresenta dores de estômago, de cabeça, falta de apetite, tonturas, principalmente de manhã?
- Raramente possui amigos?
- Pede dinheiro extra à família ou furta?
- Apresenta gastos extras na cantina da escola?

Estas são apenas algumas das formas que pode se manifestar esse fenômeno que não escolhe grau social, nível de cultura, localização da escola, não podemos fechar nossos olhos, nem alegar que não acontece, basta um olhar mais atento para identificá-lo.

Para Fante (2003, p. 36) “A intolerância e a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica, a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar e familiar. Atualmente, a matéria mais difícil não é a matemática ou a biologia; a convivência escolar, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Podemos constatar que família e a escola passaram por mudanças profundas e radicais ao longo dos tempos. Se a família não está dando conta de cumprir o seu papel, de inicialização civilizatória e delegou essa responsabilidade à escola, esta, por sua vez, democratizou, perdeu status, não encontrou ainda o caminho da qualidade. Partindo dessa premissa, não podemos ficar nesse duelo de uma acusar a outra pelo insucesso do aluno.

A escola precisa ter em mente que o aluno real é este que aí está, propondo intervenções que, por menores que sejam possam auxiliar na melhoria das relações professor /aluno / escola / família e conseqüentemente na aprendizagem.

Professores precisam ter claras suas metas, compreender que a indisciplina passiva é tão prejudicial quanto a ativa e que, quando conseguirmos exercer nossa profissão com competência e prazer o aluno disciplinar-se-á por si mesmo.

Afinal, segundo Paulo Freire (1997, p. 63) “Não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente”.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Anair, GASPARIN J. Luís, NEGRÃO Maria F. T, TERUYA Tereza K, (org.) *Processos de trabalho em sala de aula*, Maringá, EDUEM, 2005.

AQUINO, J. Gropa, *A indisciplina e a escola atual*: Revista da Faculdade de Educação.v.24 nº 02 São Paulo, 1998. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 14/12/07.

AQUINO J. Gropa; *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cad. CEDES, Dez, 1998, v. 19, nº 47. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 14/12/07.

BRASIL- [http:// www.inep.gov.br/](http://www.inep.gov.br/) internacional. Acesso em 21/01/08.

FANTE Cleo. *Orientação aos gestores das unidades escolares: Bullying, o outro lado da escola*. Revista do Projeto Pedagógico. Disponível em [www.revista .com.br](http://www.revista.com.br). Acesso em 28/12/07.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário**.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1998.

GASPARIN, J.L. *Palestra: Projeto de Trabalho Docente/ Discente na perspectiva Histórico – Crítica*. UEM, Maringá, 2007.

LEITE, D. M. *Educação e Relações Interpessoais*, São Paulo. Queiroz, 1983.

LIBÂNEO José Carlos: *Democratização da escola pública-A pedagogia crítico-social dos conteúdos*, São Paulo, Loyola, 1985.

LOPES, N. A.A. *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. Jornal Pediatria (RJ), 2005; V.81 (5 supl) S 164 S 172 (acesso em 06/01/08) Disponível em www.

OLIVEIRA, M. Izete de. *Indisciplina Escolar: Determinantes conseqüências e ações*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

OSÓRIO L.C. *A família hoje*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SFORNI, M.S. de Faria, GALUCH Maria T.B. Palestra “Nosso Trabalho na escola: tarefa ou atividade?” UEM, 2007.

TARDIFF, Maurice. C. Lessárd. O trabalho docente: *elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

VASCONCELOS. C. dos Santos. *Disciplina Construção da Disciplina Consciente e Interativa na sala de aula*. Cadernos Pedagógicos do Libertad. São Paulo, Libertad. 1994.

WIKIPÉDIA <http://pt.wikipedia.org/wiki/PedagogiaTec.wikipedia>. Acesso em [21/12/07](#).

WIKIPÉDIA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying>. Acesso em 05/01/08.

YAEGASHI. Solange F. Raimundo, *Família, desenvolvimento e Aprendizagem: um olhar psicopedagógico*. In RODRIGUES Elaine, ROSIN Sheila M. (org) *Infância e Práticas Educativas*. Maringá, EDUEM. 2007.

ZAGURY, Tânia, *O professor Refém: Para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil*: Rio de Janeiro, Record, 2006.

SUGESTÕES.

LIVROS:

AQUINO, J. G. *Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor aluno*, São Paulo, Summus, 1996.

KALOUSTIAN S.M. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNICEF, 1994.

PIAGET J. *O julgamento moral na criança*. [S.l.] Summus.

ZAGURY T. *Escola sem conflitos; Parceria com os pais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FILMES:

Meu nome é rádio.

O oitavo dia.

A corrente do bem.

Quase deuses.

Meu pé esquerdo.

Um grande garoto.

Meninas malvadas.

Lutando contra o destino.

Escritores da liberdade.

MÚSICAS:

Pais e filhos (Legião Urbana).

Estudo errado. (Gabriel, o Pensador).

Ninguém é igual a ninguém.(Engenheiros do Havaí).

Racismo é burrice (Gabriel, o Pensador).

SITES:

<http://www.abrapia.org.br/>

www.espaçoacademico.com.br

www.planetaeducacao.com.br

<http://.scielo.com.br>

